

UM LAMENTO NO SILÊNCIO: IDENTIDADE E MEMÓRIA EM *LA COMPLAINTE DE LA NÉGRESSE AMBROISINE D'CHIMBO*, DE FRANÇOISE LOE-MIE

A LAMENT IN THE SILENCE: IDENTITY AND MEMORY IN *LA COMPLAINTE DE LA NÉGRESSE AMBROISINE D'CHIMBO* BY FRANÇOISE LOE-MIE

Recebido: 12/04/2025 Aprovado: 19/05/2025 Publicado: 31/07/2025
DOI: 10.18817/rlj.v9i1.4104

Maikele de Farias Azevedo¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0538-6374>

Resumo: Este artigo analisa o romance *La complainte de la nègresse Ambroisine D'Chimbo* (2013), de Françoise Loe-Mie, destacando como a obra reconfigura a narrativa histórica da escravização na Guiana Francesa a partir de uma perspectiva negra e feminina. Por meio da trajetória de Ambroisine, mulher negra escravizada que atravessa experiências de fuga, resistência e espiritualidade, o romance desconstrói a narrativa historiográfica hegemônica e propõe uma poética ancorada na memória coletiva e na força ancestral. A narrativa reconfigura o silêncio imposto pela colonialidade como expressão de resistência e afirmação identitária, inscrevendo a subjetividade negra no centro da construção histórica. A obra, assim, reafirma o papel da literatura como espaço de reconstrução da história e de afirmação das subjetividades negras.

Palavras-chave: literatura guianense; escravização; memória; Guiana Francesa.

Abstract: This article analyzes the novel *La complainte de la nègresse Ambroisine D'Chimbo* (2013), by Françoise Loe-Mie, highlighting how the work reconfigures the historical narrative of slavery in French Guyana from a Black and feminine perspective. Through the journey of Ambroisine, an enslaved Black woman who experiences escape, resistance, and spirituality, the novel deconstructs the hegemonic historiographic narrative and proposes a poetics grounded in collective memory and ancestral strength. The narrative reconfigures the silence imposed by coloniality as a form of resistance and identity affirmation, placing Black subjectivity at the center of historical construction. The work thus reaffirms the role of literature as a space for reconstructing history and affirming Black subjectivities.

Keywords: French Guianese literature; enslavement; memory; French Guyana.

Introdução

¹ É professora de Língua Francesa no Núcleo de Ensino de Línguas Estrangeiras (NELE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com atuação em ações de extensão voltadas ao debate sobre a/s Francofonia/s. Organizou o livro Literaturas Migrantes em 2023. Atualmente, é mestrandona linha de pesquisa Pós-colonialismo e identidades pela UFRGS. Possui Master 2 Didactique et Management du Français Langue Étrangère et/ou Seconde (FLE/FLS) en Milieu Plurilingue pela Université des Antilles. Licenciada em Letras - Português e Francês pela UFRGS, também participou do curso Lettres Modernes - Parcours Métiers de l'Enseignement pela Université de la Guyane. Desenvolveu pesquisa como bolsista de Iniciação Científica nos projetos "Literatura de Língua Francesa em Contexto Pós-Colonial" e "Oliveira Silveira para o Mundo" (BICAF). Além disso, atuou como Assistente de Língua Portuguesa na Guiana Francesa, por meio do programa Assistants de Langues Vivantes Étrangères (France Éducation International), no ano letivo de 2021-2022. Possui experiência no ensino de Língua Portuguesa e Português para Estrangeiros (PLE), Redação e Francês Língua Estrangeira (FLE). E-mail: maikeleaf@gmail.com

A literatura produzida na Guiana Francesa tem despertado atenção crescente nas últimas décadas, sobretudo pelas narrativas ancoradas nas vivências e resistências da população negra guianense e pela crítica às estruturas do colonialismo. Embora ainda marginalizada no interior da francofonia, a produção literária guianense se revela rica e singular, moldada pelas marcas da escravização, pelos fluxos atlânticos e pelas diversas formas de resistência das populações negras ao longo da história. Nesse contexto, inscreve-se a obra de Françoise Loe-Mie, escritora cuja produção literária articula, de maneira potente, as noções de memória, identidade e ancestralidade, reivindicando uma escrita ancorada nas vivências e lutas negras.

Nascida na Guiana Francesa, Loe-Mie atua também como professora e pesquisadora, desenvolvendo uma trajetória intelectual e artística marcada pelo compromisso com a valorização da cultura negra local e a preservação das memórias históricas do território. Sua produção literária abrange poesia, romance e teatro, refletindo uma crítica consistente à colonialidade e uma atenção particular à escuta e à valorização das vozes negras, sobretudo as das mulheres. Entre suas obras, destacam-se *Voile de misère sur les filles de Cham* (2002), um romance que denuncia a opressão das mulheres negras no contexto pós-escravista; *Poésie piment, girofle et cannelle* (2004), coletânea de poesias que celebra os saberes e afetos afro-caribenhos; além dos romances *Entre l'arbre et l'écorce* (2009) e *Pénurie de graines* (2016) que reafirmam sua escrita de denúncia e de memória.

No romance *La complainte de la négresse Ambroisine D'Chimbo* (2013), Loe-Mie articula ficção histórica e ancestralidade como forma de reconstruir, pela literatura, as experiências da escravização e da resistência na Guiana Francesa. A autora dá início, com esta obra, a um projeto de ficcionalização da memória negra guianense, continuado em *Bains d'or* (2019) e na peça *Adé, la majorine de l'Oyack* (2022). Nesse projeto, o romance histórico torna-se ferramenta para reinscrever vozes silenciadas pela historiografia colonial.

A protagonista que nomeia o romance, Ambroisine, ainda que seja uma personagem fictícia, encarna as múltiplas violências do sistema escravocrata e, ao mesmo tempo, simboliza as estratégias de sobrevivência e de reexistência forjadas pelas mulheres negras. A essa personagem soma-se D'Chimbo, figura mítica do imaginário guianense, cuja presença histórica é resgatada como contranarrativa aos discursos coloniais.

D'Chimbo: entre o criminoso colonial e a reapropriação literária da resistência

Figura semidocumental e profundamente ambígua da história da Guiana Francesa, D'Chimbo nasceu no Gabão em 1828 e foi deportado à colônia em 1858, com o apelido de "Le Rongou", referência à etnia africana a que pertencia. As fontes disponíveis permanecem silenciosas quanto à sua trajetória anterior à chegada à Guiana, sendo os primeiros registros oficiais relativos à sua presença colonial associados a práticas consideradas delituosas à época, como furtos, agressões e vagabundagem, que culminaram em sua prisão no ano seguinte, em 1859.

[...] on sait peu de chose sur la vie de l'homme qui sema la terreur dans l'Ile de Cayenne pendant près d'un an et demi [...] Arrivé à Cayenne, en septembre 1858, il fut conduit sur l'Approuague [...] Arrêté sur les placers de l'Approuague, il parvint à fausser compagnie à ses geôliers. Repris, il fut transféré à Cayenne... la chambre correctionnelle de la Cour Impériale de Cayenne le condamna... le 10 décembre 1859, à trois mois de prison et à cinq années de surveillance... Le 28 janvier 1860, il réussit à nouveau à s'évader... il se réfugia dans la forêt... il y vécut pendant dix-sept mois de chasse et de cueillette qu'il agrémentait [...] du fruit de ses vols² (Fouck, 1997, p. 22)

Durante cerca de um ano e meio, D'Chimbo foi acusado de uma série de crimes graves como assaltos à mão armada, especialmente contra mulheres, estupros, assassinatos e invasões de habitações. Esses atos o tornaram figura central de uma caçada colonial implacável. Consequentemente, teve a cabeça colocada a prêmio sendo capturado em 6 de junho de 1861 e levado à prisão de Caiena. Em 19 de agosto, foi julgado pelo tribunal do júri e, três dias depois, condenado à morte. A execução ocorreu em 14 de janeiro de 1862, na praça do mercado. Sua cabeça foi então exposta no anfiteatro do hospital militar de Caiena — hoje, hospital Jean Martial.

Com o tempo, seu nome entrou para o imaginário popular: descrito como um homem de baixa estatura, musculoso, tatuado e coberto de cicatrizes, passou a ser visto como figura quase sobrenatural. Temido pelos colonos como um espírito das

² "[...] sabe-se pouca coisa sobre a vida do homem que semeou o terror na Ilha de Caiena durante cerca de um ano e meio [...] Chegado a Caiena, em setembro de 1858, ele foi conduzido ao rio Approuague [...] Preso nos garimpos do Approuague, conseguiu escapar de seus carcereiros. Recapturado, foi transferido para Caiena... a câmara correcional da Corte Imperial de Caiena o condenou... em 10 de dezembro de 1859, a três meses de prisão e cinco anos de vigilância... Em 28 de janeiro de 1860, conseguiu novamente escapar... refugiou-se na floresta... onde viveu durante dezessete meses de caça e coleta, complementados [...] com o fruto de seus roubos."

florestas impossível de capturar, sua imagem alimenta uma lenda nas margens da história oficial.

A primeira aparição conhecida de D'Chimbo na literatura ocorre na obra *La Guyane française : Notes et souvenirs d'un voyage exécuté en 1862-1863* (1867), escrita por Frédéric Bouyer, marinheiro francês que percorreu o território guianense no século XIX. Seu relato insere-se no conjunto de narrativas coloniais produzidas por homens brancos europeus que viajavam por regiões consideradas “exóticas” e pretendiam descrever essas terras e seus habitantes a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Nesse contexto, D'Chimbo é representado como um criminoso bárbaro, figura violenta e temida, cuja imagem reforça os estereótipos coloniais que justificavam o controle e a repressão dos corpos negros.

Em contrapartida, a literatura guianense contemporânea reapropria-se dessa personagem histórica e a reinscreve como símbolo de resistência, questionando a autoridade das fontes coloniais e reabrindo o debate sobre memória e identidade negra. Nas reescrituras propostas em *Le nègre du gouverneur* (1978), de Serge Patient, e *La nouvelle légende de D'Chimbo* (1996), de Élie Stephenson, a figura de D'Chimbo é ressignificada. Contrapondo-se ao retrato colonial de Bouyer, essas obras deslocam a imagem do “bandido” para a de um personagem dotado de consciência histórica e política. A violência que lhe fora atribuída é reelaborada como forma de resistência à ordem escravista e resposta à desumanização imposta pelo regime colonial. Nesse processo, a literatura guianense contemporânea atua como contranarrativa, questionando as versões oficiais da história e reivindicando novos sentidos para as memórias negras.

Na obra de Françoise Loe-Mie, especialmente em *La complainte de la négresse Ambroisine D'Chimbo* (doravante LCNAD), assistimos a um gesto literário que transcende a mera recontagem histórica. Ao centrar a história em D'Chimbo por meio da voz de uma mulher negra escravizada, a autora promove uma insurgência estética e política profunda. Essa escolha não é casual; é a partir de uma perspectiva corporal e marginalizada que a memória se enriquece, adquirindo densidade, textura e uma presença vívida. A oralidade emerge aqui não como um simples recurso estilístico, mas como um instrumento fundamental para transmitir uma história que o discurso oficial tentou suprimir ou distorcer. Dessa forma, o passado não é apresentado como um dado estático, mas como uma experiência sensível, atravessada por afetos, dores

e esperanças, uma memória em movimento que resiste às formas hegemônicas de registro.

Essa construção contranarrativa desloca os pilares da história colonial, oferecendo uma visão que não só contesta, mas reescreve o sentido dos atos e corpos antes marcados pela violência e repressão. Essa tensão entre história e ficção, entre passado documentado e passado reimaginado, revela como a literatura pode operar como espaço de luta contra as imposições do colonialismo, preparando o terreno para uma reflexão mais aprofundada sobre o papel da memória enquanto ficção insurgente.

A memória como ficção insurgente

Apesar da crescente disseminação da literatura guianense, evidenciada pelas recentes traduções para o português de *Catacombes de Soleil* (*Catacumbas de Sol*, 2022), de Élie Stéphenson, e *Comme un clou dans le cœur* (*Como um prego no coração*, 2023), de Émmelyne Octavie — ambas traduzidas por Dennys Silva-Reis — essa produção ainda enfrenta obstáculos de circulação, inclusive no Brasil. Tal marginalização pode ser compreendida à luz da crítica decolonial de Walter Mignolo, que denuncia a modernidade não como um simples período histórico, mas como uma narrativa construída pelos protagonistas do capitalismo imperial e da colonialidade:

Modernidade era o termo no qual eles espalhavam a visão heróica e triunfante da história que eles estavam ajudando a construir. E aquela história era a história do capitalismo imperial [...] e da modernidade\colonialidade (Mignolo, 2008, p. 316-317, grifos do autor).

Ao denunciar essa construção discursiva excludente, Mignolo evidencia como determinadas vozes — literárias, artísticas, políticas — foram silenciadas em nome de uma suposta verdade histórica universal, pautada por uma obediência epistêmica que exclui os saberes outros. Nesse cenário, autores da Guiana Francesa se confrontam com o desafio de afirmar uma identidade literária própria, resistindo à hegemonia cultural francesa e propondo contranarrativas que subvertam a lógica colonial e reinstalem a memória e a voz dos sujeitos historicamente silenciados. Nesse sentido, o romance histórico desempenha papel central, funcionando como dispositivo crítico e criativo para a reinscrição das memórias negras. Escritoras como Maryse Condé, Simone Schwarz-Bart e Gisèle Pineau, embora provenientes de outros contextos

caribenhos, compartilham esse gesto político-literário de recuperar a agência histórica das mulheres negras por meio da ficção.

Dessa forma, a análise proposta neste artigo parte da seguinte problemática: de que maneira LCNAD utiliza a ficção histórica para reimaginar a escravização na Guiana Francesa, inscrevendo na narrativa a memória de uma mulher negra — ainda que fictícia — e resgatando a figura lendária de D'Chimbo como estratégia de contestação dos discursos coloniais? Busca-se compreender como a autora constrói um espaço literário em que a memória e a identidade negras se afirmam como formas de resistência à violência da colonização e ao apagamento histórico das subjetividades negras.

Como afirma Michel-Rolph Trouillot (1995), o poder de silenciar eventos históricos é tão significativo quanto o de registrá-los. O que é lembrado e o que é esquecido não são frutos do acaso, mas efeitos das estruturas de poder que controlam a produção da memória coletiva. A narrativa criada por Loe-Mie responde diretamente a essa tensão, ao trazer à tona uma história sistematicamente negada: a das mulheres negras escravizadas na Guiana Francesa, suas vozes, seus corpos, suas espiritualidades. Diante da escassez ou do apagamento dos arquivos coloniais, a autora mobiliza a ficção como ferramenta de resgate e reexistência, elaborando uma alternativa simbólica e poética à ausência documental. Assim, o literário se converte em território de inscrição da memória silenciada, num gesto que desloca as fronteiras entre o que foi vivido e o que pode ser narrado, entre o dado histórico e o vivido subjetivo.

A obra se ancora numa tessitura narrativa marcada pela presença de sonhos, profecias e entidades espirituais, os quais não apenas enriquecem a trama, mas a inserem na tradição afro-atlântica que subverte o racionalismo colonial. Essa dimensão encantatória é evidenciada, por exemplo, quando a personagem Ambroisine clama pela proteção espiritual dos Loas, divindades ligadas ao vodu, durante o momento de sua fuga a *marronage*³: “*Atouli ! Atouli ! Menm kasa wendalo !4 (Loe-Mie, 2013, p. 20). As palavras proferidas em crioulo guianense, carregadas de*

³ Marronage, segundo o Dicionário Larousse, pode designar: 1. o retorno de um animal domesticado à vida selvagem — definição que, ao empregar uma metáfora animalizante, revela um viés colonialista implícito quando considerada no contexto da escravização; 2. a condição de um escravizado fugitivo (*esclave marron, nèg-marron*), isto é, a fuga de pessoas negras em busca de liberdade.

⁴ Tradução nossa da frase dita por Ambroisine que mescla crioulo guianense e possíveis elementos de línguas africanas. “Atouli” pode servir um grito de alerta ou até como um encantamento “Menm kasa” significa “mesma coisa”; “wendalo”, ausente nos dicionários de crioulo guianense, pode remeter a

força ritualística, mobilizam saberes ancestrais capazes de repelir a violência concreta — no caso, cães ferozes enviados como ameaça —, reafirmando a potência da palavra como ação, como proteção e como resistência.

A presença do sobrenatural não se dá como recurso meramente literário, mas como afirmação de uma cosmopercepção em que o visível e o invisível coexistem. Isso fica evidente na evocação do “*Baron*”, entidade do vodu haitiano: “*Ils n’avaient plus rien à craindre de quiconque, le vieil homme les avait tous protégés. Leur Baron à eux était désormais à chaque croisée des chemins...*”⁵ (Loe-Mie, 2013, p. 19). A espiritualidade aqui narrada é inseparável da história coletiva do povo afro-caribenho, tornando-se fundamento para a reinvenção de si e do mundo, mesmo em contextos de dor extrema. Essa dimensão permite que o trauma seja reprocessado não como fatalidade, mas como espaço de elaboração poética e política.

Nesse contexto, a literatura guianense de expressão francesa emerge como espaço simbólico de resistência e reapropriação identitária. Para Dennys Silva-Reis (2021; 2022), essa produção constitui o chamado “regação lítero-franco-amazônico” — um campo literário no qual linguagem, memória e território se articulam na construção de subjetividades marcadas pela história colonial e pela complexidade cultural da região. É nesse entrelaçamento que a escrita de Loe-Mie se inscreve, engajando-se na reconstrução de um imaginário coletivo afro-guianense. O território, nesse caso, é mais do que geográfico: ele é afetivo, simbólico e corporal, permeado por vivências de diáspora, escravização e reexistência.

Essa dimensão identitária aparece com especial força nas passagens que tematizam o conflito racial e os efeitos psicológicos da mestiçagem em contexto colonial. A fala de Ignace, neto de Ambroisine, é reveladora: “*Mais Sine, regarde-moi et dis-moi si tu vois un Blanc ou un Nègre, je n’ai rien de Nègre Sine, rien.*”⁶ (Loe-Mie, 2013, p. 22). A negação de sua negritude exprime uma crise identitária profunda,

⁵ “Wendé” (Deus, em línguas africanas como o mooré) ou ser uma criação literária. A Guiana Francesa abriga uma grande diversidade linguística (crioulo, línguas marronas, ameríndias), e termos como “tiek” ou “langue chelou” indicam variações consideradas marginais ou híbridas. Essa mistura linguística, valorizada por teóricos como Bernabé, Chamoiseau e Confiant no movimento da créolité, reforça a resistência cultural e simbólica dos personagens.

⁶ Tradução nossa: “Nada mais havia a temer: o velho os havia envolvido com sua proteção. Seu Barão — aquele que reina nas encruzilhadas — os acompanhava agora em cada passo...”. A figura do “Barão” remete a Baron Samedi, entidade de tradições afro-caribenhas como o vodu, frequentemente associada à morte, à proteção dos espíritos e às encruzilhadas — lugares simbólicos de passagem e transformação.

⁶ Tradução nossa: “Mas Sine, olhe para mim e me diga se você vê um branco ou um negro, eu não tenho nada Negro Sine, nada.”

resultado do desejo de pertencimento a uma ordem social que rejeita os corpos negros. Em resposta, Sidonie, irmã Ignace, enuncia uma verdade contundente: “*je ne vois qu'un Nègre qui s'ignore.*”⁷ (Loe-Mie, 2013, p. 22). Esse embate dialoga com as formulações de Frantz Fanon sobre o negro alienado, aquele que se vê pelos olhos do colonizador, internalizando a lógica racista que o desumaniza. Descreveu em *Pele negra, máscaras brancas* (2008): o desejo, por parte de sujeitos colonizados, de aderir à branquitude como forma de aceitação social, mesmo que isso implique o apagamento de sua origem. Ignace, tal como o negro fanoniano, deseja “ser branco”, não apenas parecer branco. No entanto, como Fanon mostra, esse desejo é fadado ao fracasso, pois o racismo colonial não se contenta com a aparência: “é a estrutura que define o sujeito, e não sua vontade”. Assim, Sine antecipa o destino de seu neto com uma clareza amarga : “*Un jour tu auras un fils avec une blanche, une blanche, une vraie, et, il sera nègre, mon fils. Et, là, tu comprendras...*”⁸ (Loe-Mie, 2013, p. 23). A brancura de Ignace, portanto, é instável, condicional, e pode ser retirada a qualquer momento pelo olhar hegemônico.

No romance, a figura de Ignace encarna de maneira emblemática o drama do pertencimento negado. Nascido de uma relação de violência entre uma mulher negra escravizada e um homem branco, Ignace tenta, em diferentes momentos, aproximar-se da família paterna e reivindicar um lugar em uma estrutura que, por definição, o exclui. Seu corpo, no entanto, é constantemente lido como sinal de alteridade e de ameaça, marcando um limite intransponível entre ele e o “mundo branco”. Como analisa Grada Kilomba em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), o racismo opera por meio da construção de uma imagem do sujeito negro como aquilo com que o branco não deseja ser confundido:

[...] nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o *sujeito branco* não quer se parecer. [...] não é com o *sujeito negro* que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a *negritude* deveria ser. [...] Ele espera por aquilo que ele não é. (Kilomba, 2019, p. 38)

A identidade de Ignace, assim, é determinada de fora para dentro, por uma “tradução colonial” que o define não pelo que ele é ou faz, mas por como seu corpo é percebido e recusado. Sua rejeição pela família branca revela o funcionamento brutal

⁷ Tradução nossa: “Eu só vejo um negro que não se reconhece.”

⁸ Tradução nossa: “Um dia você terá um filho com uma branca, uma branca de verdade, e ele será negro, meu filho. E aí, você vai entender...”

dessa lógica: mesmo quando busca ser aceito, Ignace continua sendo o Outro — aquele cuja presença evidencia as contradições e violências do sistema colonial.

O corpo negro, nesse regime de leitura, torna-se aquilo que o sujeito branco rejeita em si, funcionando como um espelho invertido da branquitude. Ignace encarna essa rejeição internalizada: sua tentativa de ser aceito resulta em autoaniquilação simbólica, pois a identidade que tenta assumir nunca lhe será plenamente concedida. Já Sine escolhe não se submeter a esse jogo de espelhos coloniais. Ao afirmar “*Nous partons pour être des Femmes et des Hommes*”⁹, ela reivindica uma existência que ultrapasse os marcadores raciais impostos, recusando-se a ser apenas corpo racializado. Não menos significativa é a percepção da narradora sobre o destino de sua neta, Sidonie, marcada pelo colorismo: “*Elle, et sa peau d'ébène. Si elle était aussi blanche que lui, elle serait restée, elle aussi...*”¹⁰ (Loe-Mie, 2013, p. 23). A exclusão, resultado da cor de sua pele, revela o funcionamento persistente do racismo, que continua a hierarquizar os corpos mesmo após o fim jurídico da escravização. Assim, como Kilomba propõe, o racismo não é apenas um sistema externo, mas uma estrutura internalizada que molda subjetividades, definindo quem pode ser visto como sujeito e quem é condenado à posição de objeto.

Reconstrução de memórias coletivas no Caribe

A literatura histórica caribenha, especialmente aquela produzida por mulheres negras, tem se afirmado como um espaço estratégico de enfrentamento da colonialidade, ao reinscrever na linguagem experiências corporais, afetivas e espirituais silenciadas pela história hegemônica. No contexto da Guiana Francesa, essa escrita assume contornos particulares, combinando denúncia e ancestralidade em narrativas que mobilizam a memória coletiva e reforçam o sentimento de pertencimento. A obra em análise ilustra esse processo ao converter a dor em gesto político e a vivência em escrita de resistência, inserindo-se numa poética da reexistência que desafia o cânone e reconhece saberes negros como fontes legítimas de conhecimento.

⁹ Tradução nossa: “Nós partimos para sermos Mulheres e Homens.”

¹⁰ Tradução nossa: “Ela, com sua pele de ébano. Se fosse tão branca quanto ele, ela também teria ficado.”

A escrita de Loe-Mie emerge, assim, como um contra-arquivo da narrativa oficial, oferecendo uma leitura insurgente do passado colonial. Sua protagonista, Ambroisine, não é apenas testemunha da opressão — ela atua como analista das suas marcas e, sobretudo, agente de sua própria trajetória. Em diversas passagens, ela reflete sobre as limitações impostas à sua condição, mas também sobre sua autonomia. Ao narrar, Ambroisine não apenas resiste: ela inscreve sua vivência no campo da memória histórica, deslocando o sujeito negro da posição de silenciamento para a de enunciação. Como afirma Patricia Hill Collins (2019), a experiência da mulher negra constitui uma forma de saber insurgente, que contesta a colonialidade do conhecimento e propõe novos modos de compreender o mundo. Nesse sentido, o romance oferece mais do que uma reconstrução histórica — apresenta uma teoria poética da existência negra.

A presença de D'Chimbo, personagem marcado por mitos e marginalização, aprofunda a densidade narrativa e amplia a crítica social proposta pela autora. Proveniente do Golfo do Benim, D'Chimbo é descrito como um *esclave engagé*, um dos africanos aliciados com falsas promessas de liberdade. A ideia de que o trabalho assalariado dos engagés substitui a escravização sem romper com sua lógica de exploração é central nos estudos de Mam Lam Fouck (1996), que evidencia como as estruturas coloniais persistem mesmo após a abolição formal. A decapitação de D'Chimbo, no desfecho da obra, concentra a brutalidade do sistema e reafirma a criminalização contínua do corpo negro.

O vínculo entre Ambroisine e D'Chimbo, no entanto, vai além da dimensão afetiva: ele constitui um espaço de resistência. O cuidado com que a personagem trata D'Chimbo ferido, sua recusa em abandoná-lo e a defesa que empreende diante do julgamento revelam uma ética do afeto e da solidariedade, em contraste com a lógica colonial de exclusão. O amor, nesse contexto, torna-se uma prática política, instrumento de reconstrução de um outro mundo, onde a dignidade dos corpos negros é reafirmada por meio da escuta, do toque e do reconhecimento mútuo. Como revela o próprio texto:

Elle est restée seule depuis tant de temps ... Et qui était là, lorsqu'elle ne trouvait pas le sommeil parce que son corps prenait le dessus sur son esprit ? Qui l'attendait lorsqu'elle rentrait dans son carbet après une longue et rude journée de labeur ? Personne avant lui. [...] Sine a tellement souffert de cette solitude qu'aujourd'hui, elle refusait toute autre alternative que celle de garder dans son lit son homme, son D'Chimbo à elle. [...] Son Nuku était tendre avec elle, il l'aimait. Il prenait soin d'elle, il pensait à elle. Son Nuku était prévoyant,

il se préoccupait d'elle ! Il prenait plaisir à lui dire qu'il l'aimait et qu'elle était la meilleure femme au monde ! Il lui disait qu'elle était la plus belle parmi les belles ! Et tout ça lui donnait la force de continuer, la force de continuer à vivre et à effacer petit à petit tous les malheurs, les désillusions supportés avant son Nuku ! Donc, elle ne voulait rien entendre sur son compte ! Elle avait choisi de fermer les yeux et les oreilles ! En revanche, tout était pour son Nuku. Elle l'aimait. Elle admirait son guerrier aux dents pointues des rives de l'Ogoué.¹¹ (Loe-Mie, 2013, pg. 49-50)

A crítica à história oficial atravessa o romance de forma contundente. A própria escolha do termo *complainte* no título remete a um gênero poético-musical de lamento, associado à oralidade popular e à tradição dos oprimidos. Ao intitular a narrativa como uma *complainte*, Loe-Mie subverte os modos institucionais da historiografia colonial e oferece uma versão contra-hegemônica do passado. Dessa forma, as comunidades negras das Américas desenvolveram formas alternativas de preservar sua história, muitas vezes por meio de canções, rituais e narrativas orais.

A linguagem de LCNAD distingue-se pelo lirismo, pelo ritmo e pela musicalidade que a aproximam das tradições orais africanas e caribenhas. Ao articular elementos históricos e ficcionais, realidade e mito, Françoise Loe-Mie elabora uma narrativa que rompe com a linearidade do tempo ocidental e com a rigidez estrutural do romance europeu. Essa escolha formal, para além de estética, é profundamente política: ao explorar múltiplas vozes, temporalidades e modos de enunciação, a autora ativa o que Édouard Glissant (1990) define como *Poétique de la relation* — uma poética rizomática em que as identidades emergem da relação e da multiplicidade, e em que o passado colonial se apresenta de forma fragmentada, reconstituído a partir de vestígios e silêncios.

Um exemplo notável dessa dimensão poética e performática encontra-se no canto das mulheres que anunciam a captura do mito D'Chimbo, numa sequência carregada de força simbólica e ressonância rítmica:

¹¹ Tradução nossa: “Ela ficou sozinha por tanto tempo... E quem estava lá, quando o sono não vinha porque seu corpo se impunha sobre sua mente? Quem a esperava quando ela voltava para sua cabana após um longo e duro dia de trabalho? Ninguém, antes dele. [...] Sine sofreu tanto com essa solidão que, agora, ela não aceitava outra alternativa senão manter em sua cama o seu homem, o seu D'Chimbo. [...] Seu Nuku era terno com ela, ele a amava. Cuidava dela, pensava nela. Seu Nuku era atencioso, preocupava-se com ela! Tinha prazer em lhe dizer que a amava e que ela era a melhor mulher do mundo! Dizia-lhe que ela era a mais bela entre as belas! E tudo isso lhe dava forças para continuar, forças para seguir vivendo e apagar, pouco a pouco, todas as dores, todas as desilusões que suportara antes de conhecer seu Nuku! Por isso, ela não queria ouvir nada sobre ele! Escolhera fechar os olhos e os ouvidos! Em troca, tudo era para seu Nuku. Ela o amava. Admirava seu guerreiro de dentes afiados vindo das margens do rio Ogoué.”

"En tête de cortège, des femmes chantaient pour annoncer la capture du monstre :
Rowoooo ! Rowoooo ! Men li, men li ka monte montangn, sab a so do, lyann patat dous a so débra !
Ignace maré li, Ignace tchenbé li, Men Ignace ka mennen li ! Rowwwoooo ! D'Chimbo to mouri jodla !
Papa, manman, men li, men li ka monté montangn sab a so palto ! D'Chimbo pa ganyen fanmi,
chyen san manman ni papa ! Rowwwwoooo ! D'Chimbo to jou rivé ! A jodla to ké mouri !"¹² (Loe-Mie, 2013, p. 62)

Nessa perspectiva, a obra insere-se no campo do romance histórico, entendido, segundo Georg Lukács (1955), como um gênero que procura reconstituir o passado a partir da tensão entre o individual e o coletivo. No entanto, Loe-Mie desloca esse modelo clássico ao assumir uma enunciação negra e feminina, que não apenas reimagina a experiência escravocrata, mas a reinscreve a partir de um lugar historicamente subalternizado. A autora, assim, não reconta o passado segundo os moldes da historiografia oficial, mas o desestabiliza, resgatando memórias silenciadas e perspectivas invisibilizadas.

Essa abordagem se alinha a uma vertente da literatura caribenha francófona que revisita criticamente a memória colonial. Ao lado de escritoras como Maryse Condé, Gisèle Pineau e Fabienne Kanor, Loe-Mie contribui para a consolidação de um romance histórico afrocentrado, comprometido com a valorização das vivências negras e com a reconstrução simbólica da diáspora.

Nesse processo, a oralidade desempenha um papel estruturante. A voz de Ambroisine se inscreve em um continuum de resistência, permeada por cantos, provérbios e lamentos que evocam uma memória coletiva e espiritual. Tais elementos aproximam a narrativa das tradições das *griots* africanas e dos rituais de *marronage*, funcionando como formas de transmissão e sobrevivência de saberes diante da violência colonial. Ao transformar a oralidade em matriz poética e política, a autora reafirma o poder da palavra como instrumento de reexistência e reconfiguração histórica.

¹² Tradução nossa: "Rowoooo! Rowoooo! Lá está ele, lá está ele subindo a montanha, sabre nas costas, cipó de batata-doce nos cabelos! Ignace o amarrou, Ignace o segurou, é Ignace quem o leva! Rowwwoooo! D'Chimbo, hoje é o dia da tua morte! Papai, mamãe, lá está ele, lá está ele subindo a montanha com o sabre no casaco! D'Chimbo não tem família, cachorro sem mãe nem pai! Rowwwwoooo! D'Chimbo, teu dia chegou! Hoje, tu vais morrer!"

A reformulação do mito por Loe-Mie revela-se, portanto, um gesto político e estético que não apenas desloca o foco narrativo, mas também tensiona os fundamentos simbólicos da resistência negra. Se, no imaginário coletivo, D'Chimbo é evocado como uma figura heroica ligada à justiça ancestral e à revanche espiritual, a autora insere uma fissura crítica nesse paradigma ao evidenciar suas ambiguidades. A lenda do guerreiro-mártir não é unívoca: em determinadas versões orais, ele emerge como um espírito vingador que ultrapassa os limites da justiça reparadora e adentra zonas de violência inquietante. Não raro, essas narrativas o apresentam como um ser tirânico, cujos atos brutais atingem inclusive aqueles que deveriam estar sob sua proteção — em especial, as mulheres negras.

Ao incorporar esse nome ancestral, Ambroisine reativa a memória de luta, mas também a memória de opressões internas. Ela reencarna D'Chimbo, mas o transforma: não mais guerreiro solitário na mata, mas mulher em carne viva que narra, com o corpo e com a palavra, as violências de ontem e de hoje. Nesse gesto, a violência deixa de ser mero instrumento de justiça ou de vingança espiritual — ela se torna linguagem da denúncia e, ao mesmo tempo, exigência de ruptura com os modelos patriarciais, mesmo aqueles inscritos nas figuras míticas da resistência.

Considerações finais

Em síntese, a leitura crítica de LCNAD, de Loe-mie, permite compreender como o romance histórico pode se transformar em um dispositivo contra-hegemônico de reescrita da história, especialmente quando mobilizado por autoras negras que reivindicam um lugar de fala há muito negado. A personagem Ambroisine emerge como símbolo de resistência diante da tripla opressão que atravessou os corpos das mulheres negras escravizadas — de gênero, de raça e de classe — e sua trajetória é apresentada não apenas como testemunho, mas como gesto ativo de reinscrição de uma memória coletiva negra, ancorada na dor, na ancestralidade e na espiritualidade.

Ao problematizar as representações estereotipadas da mulher negra nas narrativas coloniais e propor uma subjetividade que resiste à coisificação, LCNAD desafia tanto as convenções do romance histórico tradicional quanto as bases epistemológicas da historiografia ocidental. A protagonista não é apenas objeto de uma história contada por outros — ela se torna sujeito ativo de sua própria memória, recusando o silenciamento e a invisibilidade impostos por séculos de dominação

colonial. A obra inscreve a experiência negra feminina em um espaço narrativo que se constrói a partir da ruptura, da fragmentação e da reexistência.

Nesse contexto, a Guiana Francesa aparece não como apêndice periférico de uma francofonia normativa, mas como um território de tensões e atravessamentos, onde a colonialidade permanece como estrutura viva. Ali, a identidade se constrói entre línguas que coexistem em conflito — o francês institucionalizado e os falares crioulos e indígenas — e entre memórias que resistem à imposição do esquecimento. O inacabamento que marca essa paisagem não é sinal de falta, mas de potência criativa: as identidades guianenses não se fixam em uma origem única, mas se alimentam das encruzilhadas históricas, da violência colonial e das formas de resistência que delas emergem.

A tarefa da escritora vai além de preencher lacunas históricas; trata-se de reconstituir narrativas a partir das margens, de restaurar vozes silenciadas e de reivindicar uma identidade rizomática, que cresce em múltiplas direções. *La complainte de la négresse Ambroisine D'Chimbo* torna-se um gesto de insurgência simbólica, em que o passado é relido não como fardo, mas como matéria viva de transformação. E, Ambroisine, como figura narrativa, encarna esse gesto: ao atravessar tempos e geografias, ela revela uma Afroamérica feita de memórias subterrâneas, de afetos e de rupturas, de nomes carregados de dor, mas também de reinvenção.

Bibliografia

- Bouyer, Frédéric. *La Guyane française : Notes et souvenirs d'un voyage exécuté en 1862-1863*. Paris : Hachette, 1867.
- Fanon, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Mam-Lam-Fouck, Serge. (1997). *D'Chimbo, du criminel au héros : Une incursion dans l'imaginaire guyanais, 1858-1996*. Matoury : Ibis Rouge Éditions.
- Glissant, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- Kilomba, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- Loe-Mie, Françoise. *La complainte de la négresse Ambroisine D'Chimbo*. Cayenne: Ibis Rouge, 2013.

Mignolo, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

Patient, S. *Le Nègre du gouverneur*. Matoury : L'Édition L'Harmattan, 1978.

Silva-Reis, Dennys; Silva-Reis, D. S.; Ribeiro, R. C. C. Literatura da Guiana Francesa: introdução ao regaço lítero-franco-amazônico. *Cadernos de Literatura em Tradução*, v. 25, p. 8-15, 2022.

Stéphenson, É. *La nouvelle légende de D'Chimbo ; suivi de Massak*. Paris : Éditions Caribéennes, 1996.

Trouillot, Michel-Rolph. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston: Beacon Press, 1995.